

INFORMATIVO ECONÔMICO

Comentários sobre o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre de 2012

Assessoria Econômica

Junho/2012

Brasil cresceu muito pouco nos primeiros meses de 2012

- O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou hoje o tão aguardado resultado do Produto Interno Bruto (PIB) para o início de 2012. **A comparação do primeiro trimestre deste ano frente aos três últimos meses de 2011 revela uma modesta expansão de 0,2% para a economia nacional.** Apesar de o número ter ficado abaixo das expectativas de vários analistas (que projetavam incremento de 0,27% a 0,5%), ele não surpreende. Outros indicadores já tinham confirmado que a economia nacional andou a passos bem lentos. É o caso do Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), calculado pelo Banco Central, que funciona bem como uma estimativa do PIB, e que já tinha apontado alta de apenas 0,15% neste período.
- A análise desagregada demonstra que, **nesta base de comparação, a atividade da Agropecuária caiu 7,3%, enquanto a indústria cresceu 1,7%** (resultado que chega a surpreender e que é destaque) **e os Serviços se expandiram 0,6%.** Pelo lado da demanda, **o consumo das famílias** continuou contribuindo positivamente para o resultado do PIB, **apresentando expansão de 1,0%.** O aumento da massa salarial, a expansão do crédito e algumas medidas de incentivo, como a redução de IPI para alguns segmentos, contribuíram para que o consumo das famílias continuasse sua trajetória de alta. **O consumo do governo também cresceu: 1,5%.**
- **Os investimentos efetivamente pisaram no freio e registraram queda de 1,8%,** puxando o resultado do PIB para baixo. A crise internacional e as perspectivas pouco alentadoras certamente contribuíram para desestimular a expansão dos investimentos. Deve-se lembrar que é o investimento que solidifica as bases de crescimento da economia e, por isso, um País, como o Brasil, que precisa construir o seu crescimento sustentado, tem o dever de modificar esse cenário rapidamente. Num ambiente de conjuntura internacional conturbada, e sem perspectivas de solução no curto prazo, o investimento pode (e deve) trabalhar em favor do desenvolvimento.
- **A comparação do primeiro trimestre de 2012, frente à igual período de 2011,** também demonstra que o País avançou pouco: 0,8%. Nesta base de comparação a Indústria cresceu apenas 0,1%, enquanto os Serviços apresentaram alta de 1,6% e a Agropecuária registrou queda de 8,5%. Por outro lado o consumo das famílias aumentou 2,5% e o consumo do governo cresceu 3,4%, enquanto os investimentos caíram 2,1%.
- Dentre os países componentes dos BRICs, o Brasil foi o que apresentou pior resultado. A China, nos primeiros três meses de 2012, em relação a iguais meses de 2011, cresceu 8,1%, enquanto a Índia registrou alta de 5,3%, a Rússia, nessa mesma base de comparação, cresceu 4,9%, a África do Sul 2,1% e o Brasil 0,8%.
- De uma forma geral os números demonstram o que já era percepção geral: a economia nacional nos primeiros meses de 2012 andou muito devagar, avançando pouco em relação ao final do ano passado. O resultado foi fraco, evidenciando que o Brasil não está imune aos efeitos da crise internacional. Neste aspecto é preciso considerar que a desaceleração da economia mundial, especialmente a acentuada crise apresentada pelos países pertencentes à Zona do Euro (crise da dívida pública e também crise do sistema bancário), provocou instabilidade e gerou consequências em vários países do mundo. Além disso, também devem ser consideradas

as preocupações com o ritmo de crescimento da economia chinesa. E, como o Brasil não é uma ilha de prosperidade, não ficou imune a isso. Portanto, a crise gera efeitos fortes e ao contrário do que pode parecer, não é fácil vencê-los.

- Com os resultados divulgados pelo IBGE acentua-se a preocupação com a necessidade de mudar o rumo do investimento no País. A taxa de investimento, que no primeiro trimestre de 2011 chegou a 19,5% recuou para 18,7% no primeiro trimestre de 2012. Este é o pior resultado para este indicador desde o primeiro trimestre de 2009 (17%), quando o Brasil também sofria os efeitos da crise internacional. Além disso, é uma taxa muito baixa para um País que precisa crescer. Vários analistas avaliam que, para dar sustentabilidade a um crescimento médio de 4% a 5% ao ano, a taxa de investimento deveria, no mínimo, ser superior a 22%, o que permitiria uma maior capacidade de produção.
- De acordo com o IBGE a desaceleração da taxa de investimento no primeiro trimestre de 2012 aconteceu em função da perda do ritmo na produção interna de máquinas e equipamentos. Deve-se destacar que a queda no investimento não foi ainda maior porque a Construção Civil e a importação de máquinas e equipamentos apresentaram expansão

Construção Civil mais uma vez cresce acima do conjunto da economia

- Considerando os números modestos apresentados pelo PIB, o desempenho da Construção Civil foi destaque e demonstra que o setor continua crescendo mais do que o conjunto de atividades.
- **Nos primeiros três meses de 2012, em relação ao último trimestre de 2011, o setor cresceu 1,5% enquanto o PIB do País cresceu 0,2%.** Na comparação dos três primeiros meses de 2012 em relação à igual período do ano passado a Construção Civil cresceu 3,3% enquanto o País cresceu 0,8%. Considerando o resultado acumulado em quatro trimestres, frente aos quatro trimestres anteriores, a expansão na Construção Civil foi de 3,1% enquanto o PIB cresceu 1,9%. Portanto, em qualquer base de comparação, o resultado da Construção Civil supera o da economia. Esses resultados não surpreendem, já que o setor vem desenvolvendo uma postura ativa no combate aos efeitos adversos do cenário internacional. O aumento da massa salarial, as baixas taxas de desemprego, a estabilidade macroeconômica, as obras do Programa Minha Casa, Minha Vida, bem como o Programa de Aceleração do Crescimento, as obras para a Copa do Mundo e o incremento do financiamento imobiliário são alguns dos fatores que contribuem para justificar o desempenho positivo.
- A Construção Civil trabalha com um novo patamar de desenvolvimento. A euforia passou e o setor busca o equilíbrio para o seu desenvolvimento. Depois de registrar expansão de mais de 11% em 2010, e de crescer 3,6% no ano passado, as estimativas indicam que o setor continuará registrando números positivos e deverá apresentar, pelo terceiro ano consecutivo, crescimento superior ao da economia. A expectativa é que em 2012 a alta chegue perto de 5%. As perspectivas indicam que o crescimento setorial deverá ser equilibrado, perene.

Desempenho positivo da Construção Civil ajuda a explicar o crescimento da Indústria.

- O resultado que mais surpreendeu na divulgação do PIB do primeiro trimestre foi o da indústria. Afinal, é sabido que o segmento sofreu os efeitos da concorrência externa (em função da taxa de câmbio) e andou de lado.
- Os números do PIB do primeiro trimestre de 2012 (na comparação com o último trimestre de 2011) indicam que a indústria foi o setor que mais cresceu e puxou o desempenho positivo da economia. Portanto, parece contraditório o resultado do PIB e os números que são divulgados, mensalmente, pelo próprio IBGE, por meio da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), que vem demonstrando queda nas atividades industriais.
- De acordo com o IBGE, a PIM é mais restrita e avalia a produção enquanto, o PIB, observa a geração de renda do setor. Além disso, a PIM analisa somente a indústria Extrativa Mineral e a indústria da Transformação. O PIB inclui a Construção Civil, que apresentou resultados positivos superiores ao conjunto da economia. Inclui, ainda, a Produção e Distribuição de Eletricidade, Água e Esgoto, que também registrou números positivos. Portanto, considerando essa análise, a Construção foi um dos setores que contribuiu positivamente para o desempenho industrial.

Perspectivas

- No segundo semestre de 2012 a economia nacional deverá apresentar resultados mais satisfatórios, estimulada pela queda dos juros, pelo novo patamar alcançado pela taxa de câmbio e pelas medidas de estímulo à economia, como as desonerações da folha de pagamento e os incentivos à aquisição de veículos. Apesar das incertezas mundiais, o País deverá continuar crescendo. Espera-se que os fundamentos macroeconômicos sólidos e o mercado interno, aliados a resultados melhores do investimento, construam a ponte que dará maior sustentação ao crescimento no segundo semestre, diante de um ambiente externo pouco alentador.
- Mas é sempre bom lembrar que o Brasil ainda carece das reformas estruturantes para exercitar a sua potencialidade e firmar definitivamente o seu crescimento sustentado. As reformas estruturantes, como a tributária e a trabalhista e a redução da burocracia, são somente alguns dos elementos indispensáveis que constituem-se como uma base para solidificar os avanços alcançados. Além disso, desafios como dinamizar os investimentos, manter o controle da inflação e o câmbio favorável também devem ser considerados. O País precisa continuar com a sua estabilidade econômica e precisa avançar.
- Para a Construção Civil os fundamentos que proporcionaram o seu desenvolvimento nos últimos anos são sólidos e ainda permanecem: geração de emprego formal, crédito imobiliário em expansão, inflação sob controle, sistema financeiro saudável, eventos esportivos internacionais, perspectivas de avanço no investimento nacional, além do Programa Minha Casa, Minha Vida. Não existe nenhum fator que sinalize mudança de rota e desequilíbrio de atividades. Construído sobre bases sólidas, o desenvolvimento setorial veio para ficar. E o País precisa que isso aconteça. Certamente o crescimento sustentado do Brasil passa pela Construção Civil.